



## CESTAS AGROECOLÓGICAS DA AGRICULTURA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE CUNHA/SP: SAÚDE E ECONOMIA SOLIDÁRIA EM TEMPOS DA COVID -19

Family farming and agroecological produce baskets in the city of Cunha / SP -  
health and economic solidarity in COVID-19 times

Alketa Bestaku <sup>1</sup>, Marcella Lopes Berte <sup>2</sup> e Lucimeire Alves de Toledo Pereira <sup>3</sup>

### RESUMO

Os agricultores e agricultoras familiares, que integram a Associação dos Produtores Agroecológicos de Cunha – Amigos da Terra, APAC, no município de Cunha-SP, diante da pandemia da COVID – 19, decidiram interromper voluntariamente, antes do Decreto Estadual, o seu principal canal de venda direta, a feira. Passaram a comercializar cestas agroecológicas com o intuito de manter a comercialização de seus produtos no período da pandemia. Por meio desse estudo, buscou-se analisar essas mudanças, principalmente no que se refere às dimensões econômicas e sociais, em especial às dinâmicas de solidariedade e cooperação, tendo como foco a reorganização da comercialização de produtos agroecológicos dos agricultores e agricultoras, durante o isolamento social. Os resultados mostram que o faturamento cai, mas crescem as práticas coletivas. A comercialização das cestas trouxe resultados econômicos positivos no faturamento, porém não retoma os patamares de faturamento do período anterior ao início da pandemia. O grupo também avançou com o uso de novas tecnologias de vendas digitais e as novas estratégias da comercialização permanecerão, mesmo após o término da pandemia.

**Palavras-chave:** Alternativas de Mercado. Produção Agroecológica. Agricultura Familiar.

<sup>1</sup> Graduada em Tecnologia em Gestão Ambiental pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. E-mail: alketabestaku@gmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Tecnologia em Agroecologia pelo Instituto Federal de Brasília – IFB. Em Ciências Econômicas pela Universidade Católica de Santos – UNISANTOS e Pós-Graduada em Gestão de Políticas Públicas pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP. E-mail: mlopesberte@gmail.com

<sup>3</sup> Primeira secretária da Associação dos Produtores Agroecológicos de Cunha (APAC) – Amigos da Terra. E-mail: apac.cunha@gmail.com

### ABSTRACT

In order to face the Covid-19 pandemic in the municipality of Cunha/SP, the family farmers decided to stop selling at the weekly street market and opted for direct delivery with agroecological baskets in order to secure their income during the pandemic. The present study analyses these strategy changes through an economic and social point of view, especially the changes occurred in the dynamics of solidarity and cooperation among the group. The commercialization of the agroecological baskets did help farmers to keep a modest income even if their sales decreased compared to the amount sold before the beginning of the pandemic. Another positive aspect is also the new way of conducting business by learning how to use new technologies and new marketing strategies, which will be practiced even after the end of the pandemic.

**Keywords:** Market Alternatives. Agroecological Production. Family Farming.

**Recebido em:** 17/06/2020

**Aceito para publicação em:** 03/09/2020

**Correspondência para:**  
alketabestaku@gmail.com

## Introdução

Hoje, os principais problemas globais estão interconectados e são interdependentes (ALTIERI e NICHOLLS, 2020). Mesmo que a escala e a natureza das consequências da pandemia sejam difíceis de quantificar em tão pouco tempo, muitas pesquisas estão sendo desenvolvidas nesse período (TATUM et al. 2020). Não há dúvidas de que existem impactos em toda a população mundial. Muitas pessoas tiveram suas vidas mudadas para sempre, muitas vezes para pior (LEMOS et al. 2020).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no Brasil, a taxa de desemprego cresceu durante a pandemia. No mesmo período em que foi realizada esta pesquisa, ou seja, entre janeiro de 2020 e final de maio de 2020, a taxa de desemprego que era de 12,2%, subiu para 12,9%. Em paralelo a isso, no Brasil já havia 10,3 milhões de brasileiros que viviam em domicílio com privação severa de alimentos (IBGE, 2019). Os números da fome no Brasil tendem a ser mais alarmantes já que esta pesquisa não considerou, ainda, os impactos causados pela pandemia em 2020.

Segundo Ribeiro-Silva (2020),

a pandemia não poderá ser responsabilizada isoladamente pelas severidades que se anuncia na situação de fome, desnutrição e insegurança alimentar e nutricional (ISAN) de todos. Antes, as desigualdades não superadas, o avanço de políticas neoliberais e o desmonte do sistema que contemplava políticas sociais inclusivas e promotoras da SAN (segurança alimentar e nutricional) vem se somando para a situação atual, que tende ao agravamento, dados os impactos da pandemia (RIBEIRO-SILVA, 2020).

Mudanças nos padrões de consumo são sentidas durante a pandemia. Quando os padrões de consumo começam a ser problematizados pelas pessoas, se perguntando, por exemplo, sobre a origem dos produtos, pode ser desencadeado um comportamento responsável por parte dos consumidores que podem passar a praticar um consumo solidário (HESPANHA et al, 2009). Um exemplo de iniciativa que pode influenciar nessa mudança de comportamento são os mapeamentos das feiras orgânicas e agroecológicas. Devido à pandemia, foi feito um trabalho emergencial para divulgar as iniciativas que estão comercializando “comida de verdade” em todo o Brasil (IDEC, 2020).

A agricultura familiar representa 84% das propriedades agropecuárias brasileiras e é extremamente relevante para a produção de alimentos no país, responsável por cerca de 70% da produção (FAO, 2017). No município de Cunha, ela é representada por 584 agricultores e agricultoras (2,67 % da população do município) que possuem a Declaração de Aptidão ao Pronaf (MAPA, 2020) e que recebem poucos investimentos e enfrentam muitas dificuldades, como observado numa escala nacional por Mira (2018). Um dos principais gargalos encontrados por ela é a comercialização e como alternativa são utilizadas estratégias de consumo responsável e economia solidária (MIRA et al, 2018).

No município de Cunha, os produtos orgânicos já eram consumidos antes da pandemia por meio das compras institucionais como as direcionadas à alimentação escolar por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), feiras, cestas agroecológicas e comunidades que sustentam a agricultura (CSA) (DA SILVA, 2017). Essa estratégia faz parte dos circuitos curtos de comercialização da produção local de alimentos, nos quais os agricultores familiares promovem uma aproximação entre produtores e consumidores, antes dissolvida pelas cadeias convencionais de *commodities* agrícolas (FERRARI, 2011).

Segundo Darolt (2013), esses circuitos curtos realçam princípios como: autonomia, solidariedade, segurança alimentar, justiça social, respeito à cultura e tradições locais.

Diante da pandemia da COVID – 19, a recuperação da solidariedade como valor fundamental dos sistemas econômicos, como difundido na “Economia de Francisco e Clara” pode ser uma estratégia usada por agricultores familiares no Brasil diante da pandemia (TOSO, 2015). A Economia de Francisco é uma iniciativa que tem como objetivo a constituição de um novo acordo, no sentido de repensar a

economia existente e de humanizar a economia de amanhã: torná-la mais justa, mais sustentável, assegurando uma nova preeminência para as populações excluídas” (DOWBOR, 2020).

Se correlacionam com o objetivo da Economia de Francisco e Clara as análises feitas por Sabourin (2007) sobre a definição de solidariedade. A solidariedade, para o autor, significa a preocupação permanente com uma distribuição justa dos resultados, o melhoramento das condições de vida dos participantes, o compromisso para um meio ambiente sadio, para a comunidade, o apoio aos movimentos de emancipação e a procura do bem-estar dos trabalhadores e dos consumidores (SABOURIN, 2007).

Nesse sentido, a cooperação é o ato de trabalhar em conjunto e de contribuir com o bem-estar de alguém ou de uma coletividade e de uma forma mais ampla, a partilha do trabalho necessário para a produção da vida social (HESPANHA et al., 2009).

O presente artigo tem como objetivo analisar as mudanças, principalmente no que se refere às dimensões econômicas e sociais, em especial às dinâmicas de solidariedade e cooperação, tendo como foco a reorganização da comercialização de produtos agroecológicos dos agricultores e agricultoras, durante o isolamento social decretado durante a quarentena no estado de São Paulo no Brasil devido à situação global da pandemia da COVID-19 (SÃO PAULO, 2020).

Uma estratégia de reorganização da comercialização em Cunha foi a venda digital da Cesta Orgânica. Essa cesta é organizada de forma a apresentar uma lista de produtos aos consumidores, por meio do aplicativo *Whatsapp*<sup>®</sup> para que eles escolham com base no nome do item e preço. O preço total da cesta varia conforme a quantidade comprada. Os produtos que entram para a lista de oferta da cesta são os que possuem a quantidade mínima de 40 unidades e o critério de qualidade é decidido pelos próprios agricultores. Na compra das cestas não é exigida uma quantidade mínima de itens a ser escolhida pelo consumidor.

A logística de montagem das cestas é feita a partir dos pedidos realizados entre segundas-feiras e quintas-feiras na semana. Os produtos, na maioria hortaliças, são colhidos na manhã na sexta-feira, organizados em sacolas, em parte na casa de um dos agricultores na sexta-feira à tarde e sábado pela manhã no início do trajeto. O transporte é feito com o carro de um dos agricultores até um ponto de distribuição no centro da cidade, e casa a casa para outros consumidores que moram no caminho.

## Metodologia

O local do estudo foi o município de Cunha, SP, localizado no Alto Vale do Paraíba, no nordeste do estado de São Paulo. Situa-se entre as Serras da Quebra - Cangalha, Bocaina e Serra do Mar, uma grande parte da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul (DE PAULO et al., 2018).

Segundo o IBGE (2010), Cunha conta com uma população aproximada de 21.866 mil habitantes num espaço geográfico de 1.407,250 km<sup>2</sup>, sendo que 12.167 habitantes pertencem à zona urbana e 9.699 à zona rural. O clima em Cunha é caracterizado como mesotérmico, com verão chuvoso e temperaturas amenas, estiagem no inverno e também característico de terras altas, clima seco e temperado, com temperaturas médias no verão variando entre 18 e 25º C, e no inverno entre 2 e 12º C. Os principais tipos de solo encontrados são: Argissolos, Latossolos e Neossolos (DE PAULO et al., 2018).

A implantação de técnicas e tecnologias agropecuárias incompatíveis com a realidade socioambiental levou o município a um processo de degradação ambiental e exclusão social, associado ao êxodo rural e enfraquecimento econômico (SERRA ACIMA, 2012).

A transição agroecológica é um processo gradual orientado de transformação das bases produtivas e sociais para recuperar a fertilidade e o equilíbrio ecológico do agroecossistema, de acordo com os princípios da Agroecologia, devendo priorizar o desenvolvimento de sistemas agroalimentares

locais e sustentáveis, considerando os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos (SÃO PAULO, 2018).

Segundo Wojciechowski et al. (2020), o movimento de transição agroecológica em Cunha inicia no ano de 2006, fomentado pela OSCIP (Organismo da Sociedade Civil de Interesse Público), Serra Acima – Associação de Cultura e Educação Ambiental.

O grupo social foco desse estudo é a Associação dos Produtores Agroecológicos de Cunha – Amigos da Terra, APAC. As famílias reunidas na APAC realizam, desde 2009, o controle social da produção orgânica, como membros de uma associação de controle social da certificação orgânica (OCS) (BRASIL, 2007). O grupo passou por um processo formativo em Agroecologia e Comercialização e construiu o espaço da feira agroecológica no município, atuando, também, diretamente na implantação do PNAE. (FRESCHI et al., 2015).

Este trabalho foi realizado entre os dias 04 de janeiro e 30 de maio de 2020 e contou com a observação participante (MONICO et al., 2017) da assessoria técnica do projeto “Ações participativas dos agricultores familiares de Cunha para expansão da venda de produtos agroecológicos por meio do uso de ferramentas digitais e estudo de mercado”, financiado pela Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE), com o objetivo de melhorar a comercialização (SERRA ACIMA, 2019) e participação no Conselho Municipal de Alimentação Escolar.

Para levantar informações junto ao grupo, realizamos entrevistas semiestruturadas por telefone e em campo (MOYSÉS e MORI, 2007). Para a análise dos dados numéricos utilizou-se o software Microsoft® Excel 2010, com geração de gráficos que possibilitassem analisar as respostas dos participantes da pesquisa. O universo dos entrevistados envolveu quatro homens, três mulheres e uma jovem agricultora, que passaram a fornecer produtos de suas hortas para a Cesta Orgânica APAC. Todas as famílias participantes são moradoras da zona rural do município, especificamente dos bairros da Roça Grande, Vargem Grande, Vargem do Cedro e Sítio, que distam entre 10 a 30 km do centro da cidade.

Também incorporamos aos nossos referenciais metodológicos de análise dos impactos da pandemia nos agricultores(as) da APAC, o “Plano de Contingência da Fiocruz diante da pandemia da doença pelo SARS-CoV-2 (COVID-19)” (FIOCRUZ, 2020).

Para a interpretação dos dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo objetivando o enriquecimento das respostas objetivas levantadas pelo questionário (SILVA e FOSSÁ, 2015). Assim foram consideradas duas dimensões: i) econômico e social, analisando mudanças no faturamento das famílias, nos custos de produção e comercialização, no tempo de trabalho dedicado a atividades durante o período do estudo. Ainda, observamos o acesso do grupo às políticas públicas (PNAE) e a adoção das práticas de cuidado visando à saúde individual e coletiva dos agricultores e consumidores; ii) Gestão que visa a análise de informações sobre a solidariedade e a cooperação entre os associados, a nova estratégia de comercialização durante a pandemia, número de cestas comercializadas e o uso de tecnologias da informação por meio de aplicativo (software).

## Resultados e discussões

A partir da entrada em vigor do Decreto Municipal de 19 de março de 2020 (CUNHA, 2020) sobre os procedimentos durante a pandemia causada pela COVID-19, os próprios feirantes decidiram coletivamente, quando reunidos presencialmente no local da feira semanal dos Agricultores Agroecológicos de Cunha, suspender a mesma por tempo indeterminado.

O que motivou essa decisão foi, principalmente, proteger os agricultores e os consumidores idosos, os que possuem alguma doença crônica e evitar aglomerações. Passaram, também, a seguir as orientações de prevenção da COVID-19 divulgadas pela Fiocruz (2020). O grupo passou a usar uma nova

modalidade de venda direta, a comercialização de cestas agroecológicas (Tabela 2.). Somente uma família continuou comercializando na feira durante o período da realização da pesquisa, com quantidade reduzida de produtos, para atender consumidores fiéis que não teriam acesso à informação sobre as cestas (DA SILVA, 2017).

Essa atitude do grupo APAC, segundo Singer (2002), é a prática da economia solidária, pois todos tiveram o mesmo poder de decisão sobre suspender a feira e foi em cooperação que decidiram por uma alternativa comum à realização da feira e não pela competição por clientes de forma individual.

**Tabela 1.** Organização da comercialização do grupo antes da pandemia.

Família	Participa da Feira	Participa do PNAE
1	x	x
2	x	x
3	x	x
4	x	x
5	x	x
6		x
7	x	x
8	x	
9	x	x

**Tabela 2.** Organização da comercialização do grupo durante a pandemia.

Família	Participa da Cesta	Participa da Feira	Participa do PNAE
1	x		
2	x	x	
3	x		
4	x		
5	x		
6	x		
7	x		
8			
9			

Como mostram as tabelas 1 e 2, a maioria das famílias permaneceu no grupo de comercialização das Cestas Agroecológicas após as mudanças causadas pelo início da pandemia da COVID-19. A família 06 que não comercializa na feira, mas sim no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), passou a entregar produtos para as cestas. Porém, duas famílias feirantes não aderiram à proposta. Uma por questões de volume baixo de produção e a outra preferiu focar em outros mercados, por exemplo, a comercialização direta de cestas agroecológicas em outro município.

### Dimensão econômica e social dos impactos da COVID-19

A forma de organização da comercialização dessas famílias antes da pandemia da COVID-19 era exclusivamente direta, na feira e no PNAE, como mostra a Tabela 1. No início da pandemia, a comercialização da maioria das famílias se restringiu apenas à organização das cestas, como mostra o

quadro 2 da figura1. Discutiremos na sequência porque o PNAE, no contexto da pandemia, não trouxe receita ao faturamento dessas famílias.

A nova estratégia de comercialização dos agricultores, inspirada por duas famílias que já entregavam cestas no próprio local da feira, intensificou a entrega das cestas, inclusive em domicílio e em pontos estratégicos da cidade. Essa nova estratégia se fez imprescindível para que o grupo pudesse acessar um canal alternativo de comercialização diante da suspensão da feira e dos atrasos e incertezas no PNAE.

Segundo Schwartzman (2015), o PNAE, no estado de São Paulo, possui um vínculo com a agricultura familiar, que permite mudanças positivas na produção e na comercialização. O autor constatou que, desde o início do envolvimento dos agricultores entrevistados com o programa, até o ano de 2012, mais de 70% dos agricultores tiveram sua renda aumentada e mais de 60% tiveram o volume da sua produção também aumentada, assim como mais de 30% passaram a produzir novos produtos, gerando investimentos e desenvolvimento local.

As famílias estudadas foram pioneiras no acesso ao PNAE no município. No começo da implantação do PNAE em Cunha, em 2009, participavam do programa 25 famílias, entregando alimentos semanalmente. Em março de 2020, 14 famílias de agricultores familiares agroecológicos ainda permaneciam nesse programa. A venda direta ao PNAE pelos agricultores da Associação de Produtores Agroecológicos de Cunha (APAC) não estava acontecendo no início da quarentena pois, com as aulas suspensas, a prefeitura decidiu por não manter a entrega de alimentos (ou "kits" de alimentos) provenientes da agricultura familiar, às famílias de estudantes em vulnerabilidade, por meio do PNAE em tempos de Pandemia.

A seguir seguem representados os dados de faturamento e custos das famílias que atuaram na comercialização das cestas agroecológicas durante a pandemia e dados sobre o volume das vendas das cestas nos três gráficos apresentados na Figura 2.

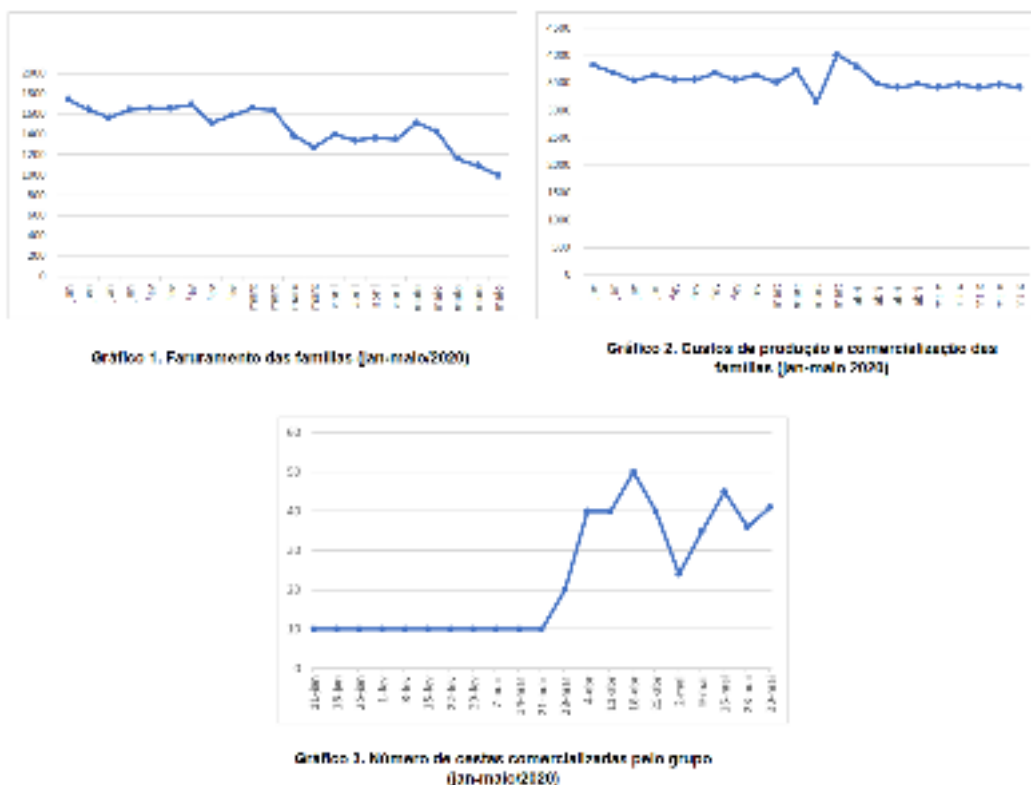


Figura 1. Variação do volume de venda do grupo (janeiro-maio/2020).

Para realizar a análise dos gráficos e uma melhor compreensão dos resultados, vamos dividir as informações em dois períodos, o antes e o depois da decisão do grupo em suspender a feira, período que corresponde também à declaração de pandemia em escala mundial pela Organização Mundial de Saúde (OMS). O primeiro período corresponde da 1ª semana de janeiro à 3ª semana de março de 2020. O segundo, entre a 4ª semana de março e a 5ª semana de maio de 2020.

Durante o primeiro período, o faturamento médio do grupo foi de R\$ 1.939,70 por semana (Gráfico 1 da figura 2). No início do ano, segundo os agricultores, o faturamento na feira foi positivo devido às férias e festividades do carnaval. A comercialização do grupo na feira atende aos consumidores trazidos pela dinâmica do turismo no município, incluindo o aumento de clientes que são donos de restaurantes. O faturamento médio do grupo por semana, no segundo período (Gráfico 1 da figura 2), cai para R\$1.290,00, com a suspensão da feira, do turismo, do fechamento dos restaurantes e o início da comercialização das cestas pelo grupo.

Analisando os custos de produção e comercialização do grupo (Gráfico 2 da figura 2) durante o mesmo período, observa-se que os custos que compreendem mão de obra familiar e contratada, insumos orgânicos, transporte e demais custos com comercialização como embalagens, se mantêm constantes até o final do primeiro período. No segundo período houve uma queda, a qual pode estar relacionada a uma diminuição da produção devido às incertezas provocadas pela pandemia e pelo atraso na assinatura do contrato do PNAE, ou ainda, por efeito de sazonalidades.

A partir da 2ª semana de maio, nota-se uma queda contínua no faturamento. Considerando que o número de cestas comercializadas nesse período se manteve estável entre 35 a 40 cestas por semana (Gráfico 3 da figura 2), podemos interpretar que a queda corresponde a uma diminuição da oferta. No entanto, esta pesquisa possui limitações, por exemplo, não foi possível fazer comparações entre esses faturamentos e custos com os do mesmo período em anos anteriores. Entretanto, até o momento dessa pesquisa, os agricultores não costumavam fazer, de forma regular, esse tipo de registro e controle da gestão financeira. O que fez os agricultores passarem a fazê-los foi, em parte, a necessidade apontada pela metodologia desta pesquisa, mas principalmente, a introdução das tecnologias digitais, que facilitaram ao gerar uma planilha no computador ou celular com o volume de vendas e a receita total das vendas.

A mesma dificuldade encontrou Santos, et al. (2014), que observou que 75% dos entrevistados (agricultores familiares, feirantes, envolvidos no controle social da produção orgânica) não conseguem contabilizar seus custos de produção, nem mensurar as quantidades comercializadas. Nota-se a existência de uma dificuldade estrutural dos agricultores familiares, no que se refere ao registro de suas atividades e à administração rural (FREIRE, 1983).

É importante destacar que o Gráfico 2 da figura 2 apresenta dados relativos às horas de trabalho na 4ª semana de março, que corresponde ao aumento de horas de trabalho das famílias envolvidas na organização das cestas. As famílias responderam à pesquisa que a jornada de trabalho havia aumentado para apenas 28,5 % das famílias; enquanto 57,14 % responderam que as horas dedicadas ao trabalho diminuiriam; e somente um (14,2 %) respondeu que as horas de trabalho tinham se mantido as mesmas. Quem mais teve horas de trabalho dedicadas em organizar as cestas foi quem teve suas horas de trabalho aumentadas, mas sem receber mais para isso.

Outras receitas não foram consideradas para gerar esse resultado, como por exemplo, a comercialização do Pinhão, sementes da Araucária (*Araucaria angustifolia*), que é sazonal e ocorre nesse mesmo período da pesquisa, como mostra o estudo de Amaral e Fichino (2014). Dentre as limitações do trabalho, também está a não realização de uma análise da viabilidade econômica das famílias para compreender melhor se há um saldo positivo ou negativo no período estudado, embora é possível perceber que há mudanças ocorrendo nesse período por conta da COVID-19.

Fica evidente que a comercialização das cestas trouxe resultados positivos no faturamento, com uma média de R\$ 1.290,00 por semana, porém não retoma os patamares de faturamento do primeiro período, que demonstrou um faturamento médio semanal de R\$1.939,70. É importante considerar que

nenhuma família foi infectada pelo Coronavírus e que o município não registrou nenhuma morte associada à COVID-19 no período estudado (SÃO PAULO, 2020).

### A prática da solidariedade e do cooperativismo pelo grupo da APAC

No grupo, há assimetria no que se refere às horas de trabalho dedicadas no período estudado, especialmente na comercialização, sendo que a maior parte do grupo teve jornada de trabalho reduzida, somente a de alguns foi aumentada. A família que mais se empenhou na organização das cestas foi aquela que já tinha uma experiência com essa modalidade de venda direta (SILVA, 2017). Os membros dessa família, que também, ocupam cargos na atual diretoria da APAC, diante do contexto criado pela pandemia, se ofereceram ao grupo para organizar as cestas junto com eles e ampliar o número de consumidores das cestas.

Entendemos que esses, que tiveram suas horas de trabalho aumentadas, sem receber a mais por isso, demonstraram na prática a cooperação e a solidariedade, pois não priorizaram seus ganhos individuais, promoveram o bem-estar dos mais vulneráveis à COVID-19 do grupo e colaboraram no combate a COVID -19 no município ao não estimular a aglomeração e contato de clientes na feira (HESPANHA et al., 2009; SABOURIN, 2007).

Na feira as famílias de agricultores comercializam cada um na sua barraca, porém existe cooperação na logística da chegada dos produtos no local da feira, pois alguns feirantes trazem no próprio veículo os produtos de colegas que não dirigem. A aquisição, manutenção e propaganda nas barracas também refletem uma identidade coletiva e cooperação para a concretização na realização da feira. A cooperação existe, também, na medida em que o grupo se reúne para garantir a metodologia de certificação participativa, na própria organização da feira e na entrega no PNAE e embora não haja, ainda, uma distribuição equitativa dos resultados da produção.

Com a organização do grupo para obter a certificação participativa, a feira, a comercialização conjunta no PNAE e agora as cestas, nos parece haver uma intencionalidade no sentido do cooperativismo e da economia solidária, pois o desafio da gestão coletiva dos pedidos e da organização de cestas com produtos de todos do grupo foi um caminho assumido e não dado (SINGER, 2002).

Todavia, quando questionados se a união e a cooperação entre os associados aumentou, diminuiu ou se manteve, comparando com o período anterior à pandemia, 42,86 % dos entrevistados responderam que aumentou a cooperação, 42,86 % disseram que diminuiu e 14,2% manteve-se a mesma. Ao analisarmos as respostas dos entrevistados percebemos que há diferentes interpretações sobre o que é cooperação. Os entrevistados que afirmaram que a cooperação aumentou, referiam-se ao fato que, sem o apoio dos organizadores das cestas, não iriam conseguir comercializar as suas produções. Os entrevistados que afirmaram que a cooperação diminuiu, referiam-se ao fato de não ter mais os encontros mensais dos associados, assim como o contato pessoal na feira de sábado.

Segundo outros autores, as feiras além de fortalecerem cadeias curtas de comercialização na medida em que favorecem vínculos comerciais entre agricultores familiares e consumidores em mercados locais, funcionam como catalizadoras de novas articulações entre agricultores e consumidores e entre os próprios agricultores (VERANO e MEDINA, 2019). Todos reconhecem a importância da feira como um lugar de encontro, troca e proximidade entre eles e deles com os consumidores.

Diante dessas mudanças, é crucial continuarem os espaços coletivos de decisão, de formação e educação, assim como momentos de partilha e reflexão coletivas sobre essa experiência, bem como a retomada das visitas de Organismos de Controle Social (OCS), após o período de isolamento (BARBOSA, 2016).



Quando questionados sobre a forma de comercialização que irão adotar após o término da pandemia, 71,42 % dos entrevistados pretendem manter as duas coisas, cesta e feira; e 14,28 % pretendem manter apenas a feira. Isso mostra que a maioria das famílias reconhece o resultado positivo das cestas e pretendem continuar, na medida em que os consumidores continuem acessando as compras por esse canal. Na percepção dos agricultores, apesar das cestas terem atendido um problema pontual, causado pela pandemia, elas sozinhas não representam uma solução suficiente para o grupo em geral e para algumas famílias em particular. Percebe-se, também, por outros autores, a importância da diversificação dos canais de comercialização dentro dos circuitos curtos, é fundamental para manter um retorno financeiro mais estável e garantir o escoamento da produção (UENO et al., 2016).

A existência de diferentes canais permite aos agricultores escolher a melhor forma de escoar a produção em função das circunstâncias de um momento específico e fugir da pior situação que é a perda da produção por falta de mercado (UENO et al., 2016).

Vale mencionar que esse canal de comercialização já existia antes da pandemia com a realização das feiras, o contato com os clientes era feito diretamente com os produtores. Entretanto, com a pandemia, o contato foi divulgado pelos clientes a outros consumidores e, com a adoção do aplicativo o alcance de consumidores das cestas ficou ainda maior.

### O impacto da adoção de novas tecnologias de comercialização e medidas de prevenção a COVID- 19 e saúde coletiva durante a pandemia



**Figura 2.** Mensagem da feira aberta enviada para os consumidores por meio do aplicativo *Whatsapp*®

No início, as cestas foram organizadas em uma planilha criada no software Microsoft® Excel 2010. Na planilha vinham descritos os produtos disponíveis, organizados por espécie, por exemplo, couve, banana, alface crespa e os respectivos preços. Na 3ª semana de abril (dia 18) o processo teve um salto tecnológico. Com a chegada de um aplicativo de venda adaptado pela associação, com o apoio do Projeto CESE (SERRACIMA, 2020) a iniciativa das cestas agroecológicas passou a ser chamada de Cesta Orgânica APAC. A Figura 3. apresenta a mensagem enviada para os consumidores da cesta aberta via aplicativo *Whatsapp*® e a Figura 4. apresenta a composição da cesta sobre a qual é possível ter maiores informações na página <<http://entregafacil.org/apac>>, de segunda a quinta-feira de cada semana. Foi também na primeira semana de uso do aplicativo que encontramos o maior número de cestas comercializadas. No entanto, não coincide com pico mais alto do faturamento do grupo no segundo período, que ocorreu na 1ª semana de maio, por conta do feriado.

Como mencionado acima, a organização e gestão das cestas já era realizada antes, por um casal de agricultores e pela jovem agricultora de 18 anos. As cestas continuaram a ser preparadas toda sexta-feira na casa deles com a ajuda de outro agricultor, vizinho, também membro da APAC.



**Figura 3.** Descrição da composição da cesta com os produtos disponíveis e os respectivos preços

Aos sábados de manhã a entrega das cestas inicia já no caminho da roça para o centro da cidade. Porém, é no centro que entregam o maior volume. Na entrega das cestas participa o mesmo casal que realiza a gestão e que não se enquadra no perfil de idoso e doente crônico. Podemos observar que, durante as entregas, todas as recomendações de segurança foram seguidas (máscaras, luvas e álcool gel) (FIOCRUZ, 2020). Em nenhum momento ao longo dessa pesquisa encontramos aglomerações.

Ao serem questionados se o aplicativo adotado para a comercialização das cestas possibilitou agilidade no trabalho, a resposta foi positiva. Assim explica a jovem agricultora, filha dos agricultores que está seguindo de perto o trabalho com o aplicativo. “(...) antes do aplicativo, nós tínhamos que somar pedido por pedido, para dar o total de cada produto para fazer a colheita. Hoje já sai o total de cada produto no sistema. Facilitou também na hora de somar o valor de cada cesta. A agilidade nesses processos acima facilitou na gestão do trabalho” (Entrevista realizada pela pesquisa).

Segundo Silveira e Schwartz (2011) as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) possuem três aspectos fundamentais, de veículo, vínculo e cognição - todos muito importantes para o meio rural. Como veículo, elas incluem, iniciam e habilitam os jovens, por exemplo, na utilização de máquinas e implementos agrícolas. O autor destaca o papel das mulheres, das suas habilidades, tanto na definição das técnicas produtivas como por manterem o vínculo familiar e, ao mesmo tempo, serem articuladoras do laço social que vincula sua família à atividade produtiva.

As mulheres concentram habilidades que podem ser decisivas para confrontar a redefinição que tanto as técnicas produtivas como as novas ruralidades estão requerendo a partir de novas relações de trabalho e de sociabilidade no meio rural (SILVEIRA, et al., 2011).

O aplicativo que se encontra ainda em fase de aprimoramento terá em breve uma nova função, “estoque de produtos”, que permitirá informar a quantidade de produtos disponíveis para a venda. Quando o número de pedidos atingir o total cadastrado pelo usuário administrador, automaticamente o produto sairá da cesta da semana.

Segundo Batalha et al. (2005), a aplicação das tecnologias de gestão no âmbito da agricultura familiar pode se dar, principalmente, em duas esferas. A primeira está relacionada às organizações associativas, das quais grande parte dos agricultores familiares participa (cooperativas e associações), e a segunda está associada à própria gestão da propriedade rural familiar.

## Conclusão

Podemos afirmar que práticas associadas à agroecologia e à economia solidária levaram o grupo da APAC, de uma forma emergencial, porém eficiente, a garantir a produção, a comercialização e a renda. A mudança na rotina causada pela COVID-19 e a substituição dos principais canais de comercialização, feira e PNAE, levou ao fortalecimento de um novo canal de comercialização direto, alternativo, e trouxe para as famílias novas experiências coletivas, solidárias e cooperativas, e que segundo os mesmos, permanecerão após a pandemia.

Frente aos desafios trazidos pela pandemia de COVID-19, as famílias agricultoras, membras da APAC, conseguiram reorganizar a comercialização de uma forma rápida e eficiente. Isso deve-se, em parte, à experiência que o grupo já vinha construindo no fortalecimento de mais uma modalidade de circuito curto de comercialização, a de venda de cestas orgânicas.

A organização desse novo canal de comercialização foi eficiente do ponto de vista econômico, porém o faturamento desse canal sozinho não é igual ou superior a diversificação do mercado, incluindo a realização da feira e o PNAE. Na perspectiva social, a comercialização das cestas incentivou a solidariedade entre as famílias, o cuidado e o apoio mútuo, especialmente os mais vulneráveis à pandemia. A solidariedade se demonstrou, também, por parte dos consumidores que, além de se manterem fieis à compra dos produtos agroecológicos, auxiliaram a trazer mais consumidores para as cestas.

A experiência aqui apresentada demonstra-se inspiradora para outros atores sociais do campo. A resiliência da agricultura familiar frente à pandemia de COVID-19 foi possível mediante um conjunto de fatores, dentre eles a cooperação e o fortalecimento dos circuitos curtos de comercialização.

Contudo, ainda há espaço de aprofundamento no que diz respeito à análise da viabilidade econômica das famílias para compreender melhor se há um saldo positivo ou negativo no período estudado, embora seja possível perceber que há mudanças ocorrendo nesse período por conta da COVID-19.

## Agradecimentos

Agradecemos os agricultores e agricultoras familiares da APAC pela disponibilidade e apoio à pesquisa e especialmente a jovem agricultora pelo fornecimento dos dados em relação ao aplicativo de venda.

Um agradecimento especial para Marlene Rodrigues, que acompanhou a pesquisa de campo e apoiou na revisão do texto.

E, por último, mas não menos especial, um agradecimento às nossas famílias que nos deram o suporte para desenvolver a pesquisa em um tempo curto, intenso e até perigoso nesse momento de pandemia.

## Referências

- ALTIERI, M.A.; NICHOLLS, C.I. Agroecology and the emergence of a post COVID-19 agriculture. **Agriculture and Human Values**. 2020. Disponível em: <[https://link.springer.com/article/10.1007/s10460-020-10043-7?fbclid=IwAR3IGxDZwWjcXfcMGsTQd6AGWa1rfBDw6RZhbskceTxqf214\\_opQ6aVpgSE](https://link.springer.com/article/10.1007/s10460-020-10043-7?fbclid=IwAR3IGxDZwWjcXfcMGsTQd6AGWa1rfBDw6RZhbskceTxqf214_opQ6aVpgSE)>. Acesso em 30 de maio 2020.
- AMARAL, M.M.; FICHINO, B.S. Construção Participativa de diretrizes para o manejo sustentável do pinhão (Araucária angustifolia) a partir de uma visão da conservação da floresta com Araucária e do uso do pinhão. **Reserva da Biosfera da Mata Atlântica**. Série 9 - Mercado Mata Atlântica. Caderno nº 43. Pg. 28. Maio 2014. Disponível em: <[http://www.rbma.org.br/rbma/pdf/caderno\\_43.pdf](http://www.rbma.org.br/rbma/pdf/caderno_43.pdf)>. Acesso em 16 de jul. 2020.
- BARBOSA, A.P.; et al. A importância do cooperativismo no fomento à economia solidária na ótica da educação popular. **Revista de Educação do Vale do Arinos -RELVA**, Juara/MT/Brasil, v. 3, n. 1, p. 71 -83, jan./Jul. 2016 Link: <<file:///C:/Users/HP/Downloads/1460-5081-1-PB.pdf>> Acesso em 21 de jul. 2020.

- BATALHA, M. O.; BUAINAIN, A. M.; DE SOUZA FILHO, H.M. Tecnologia de gestão e agricultura familiar. **Portal UFERSA - Universidade Federal Rural do Semi-Árido**. 2005. Disponível em: <<http://www2.ufersa.edu.br/portal/view/uploads/setores/241/Tecnologia%20de%20Gest%C3%A3o%20e%20Agricultura%20Familiar.pdf>>. Acesso em 15 de junho 2020.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Regularização da Produção Orgânica**. Brasília, DF. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2007. Disponível em: <<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/organicos/regularizacao-da-producao-organica>>. Acesso em 24 de maio 2020.
- BRASIL. Agricultura e Pecuária. **Emitir a Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP)**. Governo do Brasil. Brasília. 2020. Disponível em: <[https://www.gov.br/pt-br/servicos/emitir-a-declaracao-de-aptidao-aopronaf#:~:text=%C3%89%20o%20instrumento%20que%20identifica,da%20Agricultura%20Familiar%20\(Pronaf\)](https://www.gov.br/pt-br/servicos/emitir-a-declaracao-de-aptidao-aopronaf#:~:text=%C3%89%20o%20instrumento%20que%20identifica,da%20Agricultura%20Familiar%20(Pronaf))>. Acesso em 01dez. 2020.
- CUNHA (Município), São Paulo. Decreto nº 15 de 9 de março de 2020. **Decretos para COVID -19**. Cunha, SP. Disponível em: <<http://www.cunha.sp.gov.br/transparencia/decretos-para-o-covid-19/>>. Acesso em maio 2020.
- CUNHA (Município), São Paulo. Chamada Pública 003/2020. **Licitações** 2020. Disponível em: <<http://www.cunha.sp.gov.br/licitacao/page/5/?ano=2020>>. Acesso em 30 de maio 2020.
- DOWBOR, L. **A Economia Desgovernada: novos paradigmas**. ComCiência – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico (21.10.2020). Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp / ISSN 1519-7654. Disponível em: <<https://www.comciencia.br/a-economia-desgovernada-por-ladislau-dowbor/>>. Acesso em 26 de nov. 2020.
- DAROLT, M. R. Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos: Reconnectando produtores e consumidores. In: Niederle, P. A.; Almeida L.; Vezzani, F. M. (Org.). **Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura**. Curitiba: Kairós, 2013, p. 139-170.
- DA SILVA. Agricultura familiar e os circuitos curtos de comercialização de alimentos: estudo de caso da feira livre do município de Jaguarão, RS, Brasil, **Revista ESPACIOS**. ISSN 0798 1015 Vol. 38 (Nº 47) Ano 2017. Disponível em: <<http://www.revistaespacios.com/a17v38n47/a17v38n47p07.pdf>>. Acesso em: 21 de jul. 2020.
- DE PAULO, J. R; et al. Sítios Florestais de Produção como Estratégias para reabilitação de áreas rurais degradadas em Cunha-SP. III **Simpósio de Recursos Hídricos da Bacia do Rio Paraíba do Sul**, 2018.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA (FAO). Iniciativa regional da FAO aponta agricultura familiar como promotora do desenvolvimento rural sustentável e a agenda 2030. **FAO no Brasil**. 2017. Disponível em: <<http://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1043666/>>. Acesso em 26 de maio 2020.
- FERRARI, D.L. Cadeias agroalimentares curtas: a construção social de mercados de qualidade pelos agricultores familiares em Santa Catarina. **Lume Repositório Digital**, 2011. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/49829>>. Acesso em 15 de jun. 2020.
- FUNDAÇÃO OSVALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Plano de contingência da FIOCRUZ diante da pandemia da doença pelo SARS-CoV-2 (COVID-19)**. Versão 1.4, de 22 de abril de 2020. Disponível em: <[https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/40335/15/plano\\_de\\_contingencia\\_covid19\\_fiocruzv1.4.pdf](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/40335/15/plano_de_contingencia_covid19_fiocruzv1.4.pdf)>. Acesso em 29 de maio 2020.
- FREIRE, P., 1983. Extensão ou Comunicação. Tradução Rosiska Darcy de Oliveira. - **Paz e Terra**, 2013. [1. ed.] - Rio de Janeiro: Disponível em: <[https://www.academia.edu/38319324/Paulo\\_Freire\\_-\\_Extens%C3%A3o\\_ou\\_comunica%C3%A7%C3%A3o\\_.pdf](https://www.academia.edu/38319324/Paulo_Freire_-_Extens%C3%A3o_ou_comunica%C3%A7%C3%A3o_.pdf)>. Acesso em 17 julho 2020.
- FRESCHI, J.M.; et al. 2015. Caderno de resultados. **Serra Acima – Associação de Cultura e Educação Ambiental**. Disponível em: <<http://www.serracima.org.br/publicacoes/materiais-de-divulgacao/>>. Acesso em: maio 2020.
- HESPANIA, P; et al. Consumo Solidário, in Dicionário Internacional da Outra Economia, Centro de Estudos Sociais (CES). pg 74. Janeiro 2009. Disponível em: <<https://financassolidarias.files.wordpress.com/2012/09/dicionario-internacional-da-outra-economia1.pdf>>. Acesso em: 21 de jun. 2020.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua**. Rio de Janeiro, 2020.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo** [dados na Internet]. Rio de Janeiro: IBGE;2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: 18 de mar. 2021.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **Pesquisa de Orçamentos Familiares - POF – 2017-2018 – Primeiros Resultados**. Rio de Janeiro -2019. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101670.pdf>> Acesso em: 18 de mar. 2021
- IDEC (Instituto Brasileiro de Defesa ao Consumidor). Plataforma Comida de Verdade, **Feira Agroecológica de Cunha, SP**. Disponível em: <<https://idec.org.br/noticia/idec-divulga-iniciativas-que-vendem-alimentos-saudaveis-durante-pandemia>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

- LEMOS, P.; et al. COVID - 19, Desastre do sistema de saúde no presente e tragédia da economia em um futuro bem próximo. **Braslian Journal of implantology and health sciences**. v. 2 n. 4 (2020). Disponível em: <<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2020v2n4p39-50>>. Acesso em: 29 de mai. 2020.
- MIRA, P. M.; et al. Consumo Responsável e Economia Solidária como estratégia de comercialização para agricultura familiar. **Cadernos ABA – Agroecologia**. 2018. Disponível em: <<http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/2356/2123>>. Acesso em 29 de mai. 2020.
- MONICO, L.; et al. 4 de julho 2017. A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. **CIAIQ** 2017. Disponível em: <<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1447>>. Acesso em: jul. 2020.
- MOYSÉS, G.L.R.; MORI, R.G., 2017. Coleta de dados para a pesquisa Acadêmica: um estudo sobre a elaboração, a validação aplicação eletrônica de questionário. **ENEGEP. XXVII Encontro nacional de engenharia e produção**. Foz do Iguaçu. Disponível em: <[http://abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2007\\_TR660483\\_9457.pdf](http://abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2007_TR660483_9457.pdf)>. Acesso em: 6 de junho 2020.
- RIBEIRO-SILVA; C. De R. et al. **Implicações da pandemia COVID-19 para a segurança alimentar e nutricional no Brasil**. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2020, vol.25, n.9 [cited 2020-11-27], pp.3421-3430. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232020000903421&Ing=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020000903421&Ing=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 nov.2020.
- SABOURIN, E. Gestão territorial e economia social e solidária: uma análise pela reciprocidade. **Guaju – Revista Brasileira de Desenvolvimento Territorial**. v.1, n.1, p.3-26, jan./jun. 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/guaju/article/view/43406/26378>>. Acesso em 18 de mar. 2021.
- SANTOS, C. H. F., dos; et al. A agroecologia como perspectiva de sustentabilidade na agricultura familiar. **Revista Ambiente e Sociedade**. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 33-52. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-753X2014000200004&Ing=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2014000200004&Ing=en&nrm=iso)>. Acesso em: junho 2020.
- SÃO PAULO (Estado). Decreto nº 64.881, de 22 de março de 2020. **Diário Oficial - Executivo**, 23/03/2020, p.1. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/norma/193361>>. Acesso em 25 de maio 2020.
- SÃO PAULO (Estado). Lei nº 16.684, de 19 de março de 2018. **Diário Oficial - Executivo**, 20/03/2018, p.1. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/norma/?id=185563>>. Acesso em 25 de novembro 2020.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria Estadual de Saúde, **Dados dos municípios**. Disponível em <<https://www.seade.gov.br/coronavirus/>>. Acesso em 21 de jun. De 2020.
- SCHWARTZMAN, F., 2015. **Vinculação do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) com a agricultura familiar: caracterização da venda direta e das mudanças para os agricultores familiares no estado de São Paulo**. Theses and dissertation. Digital library USP. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6138/tde-26052015-093714/en.php>>. Acesso em: 15 de jun. 2020.
- SERRA ACIMA – ASSOCIAÇÃO DE CULTURA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL. **Ações participativas dos agricultores familiares de Cunha para expansão da venda de produtos agroecológicos por meio do uso de ferramentas digitais e estudo de mercado**. Disponível em: <<http://www.serracima.org.br/atuação/projetos-em-andamento/>>. Acesso em: 30 de mai. 2020.
- SERRA ACIMA – ASSOCIAÇÃO DE CULTURA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL. Caminhando e plantando: Vivências das famílias agricultoras em transição para a Agroecologia em Cunha, SP. **Cartilha 02**, Ano 2012, pág 14.
- SILVA, M. N. A Agricultura familiar e os circuitos curtos de comercialização de alimentos: estudo de caso da feira livre do município de Jaguarão, RS, Brasil. **Revista Espacios** Vol 38 Nº47, Ano 2017, pág. 7, ano 2017.
- SILVA, A.H.; FOSSÁ, M.I. T, Análise de Conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**, v 16, n1 2015.
- SILVEIRA, A.C.M DA; SCHWARTZ, C. TICS e relações afetivo-produtivas na agricultura familiar: enfrentando o isolamento e a exclusão digital. **CODE 2011, Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos** Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area9/area9-artigo23.pdf>>. Acesso em: 26 nov.2020.
- SINGER, P. Economia solidária versus economia capitalista. **Soc. estado.**, Brasília, v. 16, n. 1-2, p. 100-112, dez. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922001000100005&Ing=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922001000100005&Ing=en&nrm=iso)>. Acesso em 18 junho 2020.
- TATUM, C.T.S.; et al. Coronavírus no Processo de Impactação Científica. **Global.Cadernos de Prospecção**. v.13. n.2. Disponível em: <<https://cienciasmedicasbiologicas.ufba.br/index.php/nit/issue/view/1991>>. Acesso em 25 de maio 2020.
- TOSO, M. L'economia secondo papa francesco. Ovvero un nuovo umanesimo dell'attività econômica. **Diocesi di Faenza-Modigliana**. 2015. Disponível em: <<https://www.diocesifaenza.it/site/wd-interventi-vesc/leconomia-secondo-papa-francesco-ovvero-un-nuovo-umanesimo-dellattivita-economica/>>. Acesso em 21/06/de jun.2020.
- UENO, V. A.; et al. Estratégias de comercialização da agricultura familiar: estudos de caso em assentamentos rurais do estado de São Paulo. **Embrapa Meio Ambiente**. Publicações 2016. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1065665/estrategias-de-comercializacao-da>>

agricultura-familiar-estudos-de-caso-em-assentamentos-rurais-do-estado-de-sao-paulo>. Acesso em 14 de junho 2020.

VERANO, T.,H. de C.; MEDINA, G. da S. Comercialização por agricultores familiares em feiras municipais: quantificação, participação, e localização no estado de Goiás. **Interações (Campo Grande)**, Campo Grande, v. 20, n. 4, p. 1045-1056. Dezembro 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-70122019000401045&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-70122019000401045&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 18 jul. 2020.

WOJCIECHOWSKI, M.J.; et al. Uma leitura territorial e escalar dos processos inovadores da transição agroecológica em dois municípios do Vale do Paraíba e do Litoral Norte de São Paulo, Brasil. **Redes (St. Cruz Sul, Online)**, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 1, p. 59-83, jan. 2020. ISSN 1982-6745. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/14639>>. Acesso em: 20 de mai. 2020